



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PRPG  
COORDENADORIA INSTITUCIONAL DE PROGRAMAS ESPECIAIS  
NÚCLEO DE ASSESSORIA E PESQUISA EM EDUCAÇÃO POPULAR  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO BÁSICA**

**MARIA BERNADETE BATISTA DA SILVA LEITE**

**Um Estudo sobre a Avaliação Escolar na Perspectiva de Gênero**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2008**

**MARIA BERNADETE BATISTA DA SILVA LEITE**

**Um Estudo sobre a Avaliação Escolar na Perspectiva de Gênero**

Monografia apresentada a Coordenadora do curso de Especialização em Educação Básica da Universidade Estadual de Paraíba – UEPB, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do título de Especialista em Educação Básica.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Ms. Anita Leocádia Pereira.

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2008**

L533e Leite, Maria Bernadete Batista da Silva.  
Um estudo sobre a avaliação escolar na perspectiva de gênero  
[manuscrito] / Maria Bernadete Batista da Silva Leite. - 2008.  
33 p.

Digitado.  
Monografia (Educação Básica) - Universidade Estadual da  
Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2008.  
"Orientação: Profa. Ma. Anita Leocádia Pereira, Educação".

1. Prática pedagógica. 2. Gênero. 3. Aprendizagem. 4.  
Construção de comportamento. I. Título.

21. ed. CDD 372

MARIA BERNADETE BATISTA DA SILVA LEITE

**Um Estudo sobre a Avaliação Escolar na Perspectiva de Gênero**

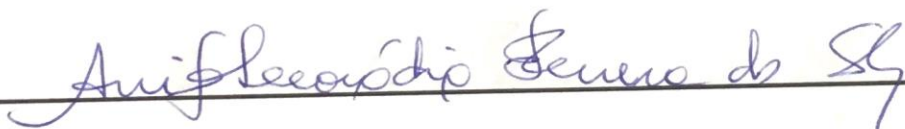
Monografia apresentada a Coordenadora do curso de Especialização em Educação Básica da Universidade Estadual de Paraíba – UEPB, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do título de Especialista em Educação Básica.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Ms. Anita Leocádia Pereira.

APROVADO EM 04 / 12 / 2008

NOTA 8,0 (oito)

**COMISSÃO DE AVALIAÇÃO**



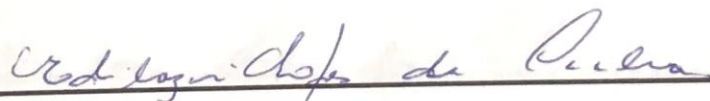
**Prof.<sup>a</sup> Ms. Anita Leocádia Pereira dos Santos**

**Orientadora**



**Prof.<sup>a</sup> Ms. Roziane Marinho Ribeiro**

**Examinador 1**



**Prof.<sup>a</sup> Ms. Edilazir Lopes da Cunha**

**Examinador 2**

A Deus, aos meus pais, às minhas filhas, ao meu esposo e a todos que contribuíram para a concretização de mais uma etapa da minha vida acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus. “Tudo posso naquele que me fortalece”. (FELIPENSES)

Às minhas filhas e ao meu esposo que souberam compreender meus momentos difíceis, abdicando de direitos que eram seus em meu benefício, incentivando-me na realização deste trabalho.

Aos meus familiares pelo incentivo na busca de novos conhecimentos.

A Lucy Barbosa de Araujo, ex – Secretária de Educação do município de Umbuzeiro, pelo empenho junto ao Prefeito, Sr. Antonio Fernandes de Lima, para que este curso fosse oferecido em nossa cidade.

Às professoras e professores desta conceituada instituição de ensino – UEPB, em especial a orientadora Ms. Anita Leocádia Pereira dos Santos e a Coordenadora Ms. Edilazir Lopes da Cunha.

Às professoras que colaboraram com esta pesquisa e a todos que fazem a Escola Maria Pessoa Cavalcanti disponibilizando seu tempo para colaborar com a execução da pesquisa.

Finalmente a todas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram com a conclusão deste trabalho.

**MARIA BERNADETE BATISTA DA SILVA LEITE**

“Não há saberes mais ou menos. Há saberes diferentes”.

Paulo Freire

CAMPINA GRANDE – PB

2008

## RESUMO

LEITE, M. B. B. S. **Um Estudo sobre a Avaliação Escolar na Perspectiva de Gênero.** Campina Grande, 2008. Monografia (Especialização em Educação Básica) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2008.

O estabelecimento de processos de interação entre as pessoas faz com que elas avaliem e sejam avaliadas constantemente. Todavia, há um espaço onde essa avaliação determina muitas vezes o destino dos sujeitos nela envolvido: a escola. Neste desse contexto, o objetivo do presente trabalho é identificar as concepções de avaliação e de gênero das professoras das séries iniciais da Escola Municipal Maria Pessoa Cavalcanti, na cidade de Umbuzeiro – PB, e de que forma estas concepções se entrelaçam influenciando as avaliações realizadas sobre os/as alunos/as. Como a avaliação na perspectiva de gênero não é um tema que apresenta uma vasta literatura, grande parte do referencial teórico utilizado reporta-se a obras consagradas que tratam da avaliação em um contexto geral, tais como: Hoffman (1990), Luckesi (1996), Pehhenoud (1999), entre outros; e sobre as questões de gênero os estudos de Carvalho (2000). O recurso utilizado para a análise qualitativa foi a aplicação de um questionário junto às professoras das séries iniciais da Escola Municipal Maria Pessoa Cavalcanti, na cidade de Umbuzeiro – PB. No que concerne ao exame quantitativo, foi feita uma análise documental embasada nos resultados do ano letivo de 2007 da escola em questão. Ao final da pesquisa, ficaram patentes as contradições existentes entre a análise dos dados e as respostas fornecidas pelos (as) professores (as), evidenciando que as expectativas de gênero apresentadas sobre meninos e meninas, definição de maus alunos e boas alunas, não correspondem aos resultados finais analisados e que se confundem desempenho escolar com comportamento idealizado. A escola não deve ficar alheia a esta questão, uma vez que, as professoras podem ser muito influentes através de sua prática avaliativa, no sentido de oportunizar as construções de comportamentos e atitudes dos alunos e alunas sobre os papéis de gênero.

**Palavras-chave:** Prática Pedagógica. Gênero. Aprendizagem.



## ABSTRACT

LEITE, M. B. B. S. **Um Estudo sobre a Avaliação Escolar na Perspectiva de Gênero.** Campina Grande, 2008. Monografia (Especialização em Educação Básica) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2008.

The establishment of processes of interaction between people causes them to evaluate and be evaluated constantly. However, there is a space where this evaluation often determines the fate of the subjects involved in it: the school. In this context, the objective of this study is to identify the conceptions of evaluation and gender of the teachers of the initial series of the Municipal School Maria Pessoa Cavalcanti, in the city of Umbuzeiro - PB, and how these conceptions are intertwined influencing the evaluations carried out on The students. As the evaluation from a gender perspective is not a topic that presents a vast literature, much of the theoretical reference used refers to consecrated works dealing with evaluation in a general context, such as: Hoffman (1990), Luckesi (1996) , Pehhenoud (1999), among others; And on the issues of gender the studies of Carvalho (2000). The resource used for the qualitative analysis was the application of a questionnaire to the teachers of the initial series of the Municipal School Maria Pessoa Cavalcanti, in the city of Umbuzeiro - PB. With regard to the quantitative examination, a documentary analysis based on the results of the 2007 school year of the school in question was made. At the end of the research, the contradictions between the analysis of the data and the answers provided by the teachers showed that the gender expectations presented about boys and girls, definition of bad students and good students do not correspond To the final results analyzed and confusing school performance with idealized behavior. The school should not be oblivious to this issue, since teachers can be very influential through their evaluative practice, in the sense of opportunizing the constructions of students' behaviors and attitudes about gender roles.

**Key Words:** Pedagogical Practice. Gender. Learning.

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> – Descrição da Escola Sede.....	22
<b>TABELA 2</b> – Funcionamento da Escola Sede.....	23
<b>TABELA 3</b> – Descrição do Anexo 1 .....	23
<b>TABELA 4</b> – Funcionamento do Anexo 1 .....	23
<b>TABELA 5</b> – Descrição do Anexo 2 .....	23
<b>TABELA 6</b> – Funcionamento do Anexo 2 .....	24
<b>TABELA 7</b> – Equipe de Apoio da Escola .....	24

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1</b> – Perfil dos Participantes da Pesquisa .....	24
<b>QUADRO 2</b> – Resultado Final das Séries Iniciais – Turno: Manhã .....	27
<b>QUADRO 3</b> – Resultado Final das Séries Iniciais – Turno: Tarde .....	27
<b>QUADRO 4</b> – Resultado Final das Séries Iniciais – Turno: Noite.....	27

## SUMÁRIO

CAPÍTULO I.....	12
1. INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO II.....	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO .....	14
2.1 Avaliação Como Processo Educacional .....	14
2.2. Mudança Na Prática Avaliativa.....	15
2.3. Relações De Gênero Na Educação E Na Avaliação Escolar.....	17
2.4. Implicações Pedagógicas Das Relações De Gênero No Cotidiano Escolar .....	20
CAPÍTULO III .....	22
3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....	22
3.1. Caracterização Da Escola .....	22
3.2. Como Os Docentes Concebem A Avaliação .....	25
3.3. O Que Falam Os Resultados Finais Da Avaliação Escolar .....	27
3.4. A Percepção Dos Comportamentos E Da Avaliação Por Gênero .....	28
CAPÍTULO IV .....	30
4. CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	32
ANEXOS.....	33
ANEXO 1 – Questionário utilizado na pesquisa.....	33

## CAPÍTULO I

### 1. INTRODUÇÃO

O juízo avaliativo é um fato inerente ao ser humano. No diálogo entre duas ou mais pessoas, uma sempre avalia as reações, o pensamento expresso, as atitudes das outras.

No contexto escolar, o processo avaliativo acontece de modo mais formal, através do uso de instrumentos específicos ou condutas avaliativas. O fracasso escolar, a repetência e a evasão estão relacionadas, na maioria das vezes, à utilização de instrumentos inadequados que causam desastrosos resultados aos alunos e alunas.

Todavia, nós, profissionais da educação, sabemos e temos consciência que para reverter este quadro é necessária uma análise da nossa prática pedagógica, uma vez que estes recursos avaliativos são critérios e procedimentos que vão decidir o destino dos alunos e alunas retendo-os ou aprovando-os nas séries iniciais e conseqüentemente nas séries seguintes.

Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é identificar a maneira como os (as) professores (as) avaliam os (as) alunos (as), sob a perspectiva do gênero e até que ponto o comportamento dos mesmos interfere nessa avaliação. Como a avaliação na perspectiva de gênero não é um tema que apresenta uma vasta literatura, grande parte do referencial teórico utilizado reporta-se a obras consagradas que tratam da avaliação em um contexto geral, tais como: Carvalho (2000), Hoffman (2004), Luckesi (1996), Pehhenoud (1999), entre outros.

O recurso utilizado para a análise qualitativa foi a aplicação de um questionário junto às professoras das séries iniciais da Escola Municipal Maria Pessoa Cavalcanti, na cidade de Umbuzeiro – PB. No que concerne ao exame quantitativo, foi feita uma análise documental embasada nos resultados do ano letivo de 2007 da escola em questão. Ao final da pesquisa, ficaram patentes as contradições existentes entre a análise dos dados e as respostas fornecidas pelos (as) professores (as), evidenciando que a escola não pode ficar alheia a esta questão: professores e professoras podem ser muito influentes através de sua prática avaliativa, oportunizando as construções e comportamento e atitudes dos alunos (as) sobre os papéis de gênero.

No capítulo I, foi feita uma abordagem do referencial teórico com um estudo sobre a avaliação escolar na perspectiva de gênero com reflexões de alguns estudiosos da área. EM seguida, no capítulo II, realizou-se uma apresentação e estudo dos dados da pesquisa

considerando a análise documental da Escola e as ideias reveladas sobre avaliação, comportamentos e a relação dos meninos e meninas com avaliação escolar. Nas considerações finais, consta todo o apanhado da pesquisa para que se possa tecer considerações sobre a reflexão e compreensão das práticas avaliativas ao longo de todo o processo avaliativo escolar.

## CAPÍTULO II

### 2. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 2.1 Avaliação Como Processo Educacional

A avaliação da aprendizagem na escola vem sendo objetos de constantes pesquisas e estudos com variados enfoques de tratamento, tais como tecnologia, sociologia, filosofia e política, entre outros.

Muitas adjetivações têm sido postas ao termo “avaliação” em uma tentativa quase desesperada de superação das concepções e de construção de modelos alternativos para que professores, administradores e formuladores de política educativas mais globais sejam mais conscientes e consequentes na aferição do desempenho de alunos de unidades escolares e de sistemas educacionais.

A avaliação da aprendizagem constitui um sério problema educacional desde há muito tempo. A partir da década de 60, do século XX, ganhou ênfase em função do avanço da reflexão crítica que apontou os enormes estragos da prática classificatória e excludente, a saber: os elevadíssimos índices de reprovação e evasão, aliados a baixíssimos níveis de qualidade da educação escolar, tanto em termos de apropriação do conhecimento quanto de formação de uma cidadania ativa e crítica.

Uma das maiores preocupações do professor é com a interferência externa no seu processo de avaliação no sentido de “facilitar” a promoção dos alunos. Nesse sentido, a necessidade de mudança nos métodos avaliativos requer o envolvimento dos professores e alunos com tal processo. Porém, para que haja mudança é preciso os sujeitos se comprometam com uma questão que pede tanto a reflexão e a elaboração teórica quanto à disposição afetiva, o “querer mudar”. Logo, com essa compreensão vem também a ponderação de que a mudança não depende apenas do indivíduo.

Para assumir caráter transformador, a avaliação antes de tudo, deve estar comprometida com a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos. Este é o seu sentido mais radical e é o que justifica sua excelência no processo educativo. Embora isto pareça óbvio, temos que levar em conta toda distorção histórica existente, de maneira que é corrente mudar-se apenas a superfície e se manter o fundo, ou seja, fazer coisas novas nos padrões antigos. A observação mais atenta aponta para que as mudanças na avaliação tenham

ocorrido, mas não no ponto mais importante que é a postura de compromisso em superar dificuldades percebidas. O cerne principal da questão avaliativa não são as técnicas, mas sim a mudança de paradigmas, posicionamento, visão de mundo e valores. A avaliação é inerente, essencial e indispensável à educação se esta for concebida como problematização, questionamento e reflexão sobre a ação.

Nos dias atuais, tem se falado muito em conceitos com construtivismo, avaliação contínua, níveis de aprendizagens, zonas de desenvolvimento, entre outros. Nas escolas, é comum todos se apressam em incorporar essa nova linguagem ao seu cotidiano. Todavia, o problema reside no fato de a mudança ocorrer apenas no discurso. Mas na hora de avaliar a maioria dos professores mostra realmente que concepção de avaliação tem arraigada na mente, quase sempre uma concepção tradicional.

Segundo Mizukami (1986), a avaliação é realizada predominantemente visando à exatidão da reprodução de conteúdo comunicada em sala de aula. Mede-se, portanto, pela quantidade e exatidão de informação que se consegue reproduzir. Daí, a consideração de provas, exames, chamadas orais, exercícios, etc, que evidenciam a precisão da reprodução da informação.

Dessa forma percebemos que a mudança de prática não se dá pelo discurso como se apenas o ato de falar resolvesse todos os problemas com relação à avaliação. A postura do educador que está engajado no processo de mudança é comprometer-se verdadeiramente com a aprendizagem de todos os alunos e com a efetiva democratização do ensino, através da ruptura com a ideologia e com as práticas de exclusão, abrindo mão da avaliação classificatória com alternativa pedagógica.

## **2.2. Mudança Na Prática Avaliativa**

A situação do professor, com muita freqüência está difícil, mas se internamente fecha a possibilidade, se já não acredita que o aluno possa aprender, se já não tenta fica mais difícil ainda, tanto para ele como para o aluno. É necessário que o professor perceba e valorize sua escolha perante a sociedade e procure pôr mais firmeza, dedicação e amor na psicogênese corresponde a um estado de imperícia.

A emoção tem a ver com a relação do sujeito com o meio humano e não com o meio físico. Daí a importância da interação em sala de aula (professor/aluno, aluno/aluno) e de o



professor ter esta disponibilidade interior (afetividade e empatia) para as necessidades com o educando.

Nossa inteligência por um lado é muito complexa e poderosa, todavia, por outro é muito sutil e delicada: só funciona com amor. Não estamos nos referindo ao amor em uma acepção piegas, mas sim como componente ontológico e inalienável ao ser humano.

A vida afetiva e a vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. Elas são inseparáveis porque qualquer troca com o meio supõe simultaneamente uma estruturação e uma valorização. *“É por esse motivo que não é possível pensar, mesmo em matemáticas puras, sem experimentar alguns centímetros, e que, inversamente, não existem fenômenos afetivos sem um mínimo de compreensão ou de discriminação”* (PIAGET, 1978, p. 14).

Para Vigotsky (1987), a separação entre intelecto e afeto enquanto objetos de estudo é uma das principais deficiências da psicologia tradicional, uma vez que esta apresenta o processo de pensamento como um fluxo autônomo de pensamento que pensam por si próprios, dissociado da plenitude da vida, das necessidades e dos interesses pessoais das inclinações e dos impulsos daquele que pensa.

Wallon (1995), por sua vez, diz que as emoções podem, sem dúvida, ser encaradas com a origem da consciência porque pelo jogo de atitudes determinadas, elas exprimem e fixam para o próprio sujeito certas disposições específicas de sua disponibilidade.

Muito antes destes autores, Platão (428-348 ou 7 a.C), já apontava para o papel do amor no conhecimento. Nossa natureza antiga era assim e nós éramos um todo; é, portanto ao desejo e procura do todo que se dá o nome amor (O Banquete, 192 e). É o amor que por estar no meio da sabedoria e da ignorância (203 e) impulsiona o homem a buscar conhecimento, a verdade, o bem, o belo, e não se encontrando na natureza para serem apanhados, nos remete ao encontro do (s) outro (s), essencialmente através do diálogo. O conhecimento exige, pois, esta disposição interior. Do ponto de vista da avaliação, é interessantíssimo, inclusive, considerar a origem do amor, pois sendo filho de recurso e de pobreza (cf. O Banquete, 203 c) implica, ao mesmo tendo, o reconhecimento por parte do sujeito de suas limitações e o desejo de completude, atitudes fundantes da prática avaliativa libertadora.

O ser humano tem um potencial enorme. Mas este potencial não está sempre disponível. Precisa se “acionado”. O segredo do acionamento é a presença de uma carga afetiva. Em educação é fundamental à crença do professor em sua capacidade de ensinar e na capacidade do aluno em aprender. É de fundamental importância introduzir nesta fundamentação um pouco do conhecimento de grandes estudiosos enfocando com precisão a mudança na hora de avaliar levando em consideração toda a vivência do educando em relação

ao conhecimento já adquirido, a partir daí todo processo avaliativo fica sob responsabilidade do educador buscando meios de transformar esse conhecimento facilitando a aprendizagem do aluno gerando assim uma prática avaliativa mais eficaz.

Levando-se em consideração os critérios avaliativos a grande maioria das pessoas que passam por uma escola, os termos, prova, exame, verificação de teste, etc, têm sentido negativo. Isso sem dúvida se deve a experiência desagradável com relação à avaliação? Eis alguns conceitos ditos por estudiosos da área. *“Conjunto de atuações, que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica acontece continua e sistematicamente por meia interpretação qualitativa do conhecimento contínuo pelo aluno”* (PCN,1997, p. 81). *“A avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões permanentes do educador sobre sua realidade e acompanhamento, passo a passo, do educando, na sua trajetória, na sua construção do conhecimento”* (HOFFMANN, 1990, p. 16). *“Avaliar é julgar ou fazer a apreciação de alguém ou alguma coisa, tendo como base uma escala de valores [ou] interpretar dados quantitativos e qualitativos para obter um parecer ou julgamento de valor, tendo por base padrões ou critérios”* (HAYDT, 1988, p. 10).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9.394/96 no Art. 24 do capítulo II determina que: A avaliação deve ser contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

De acordo com Moacir Alves Carneiro, no inciso V estabelece que o critério de sustentação da avaliação do rendimento escolar volta-se para dois tipos de avaliação: a qualitativa e a quantitativa. A legislação anterior já adotava idêntico mecanismo. A avaliação qualitativa se estriba no processo contínuo e cumulativo da avaliação, sendo assim, menos processo de mediação e mais busca de aferição de conhecimento contextualizado.

### **2.3. Relações De Gênero Na Educação E Na Avaliação Escolar**

O conceito de gênero refere-se às noções de masculino e feminino, construídas a partir das diferenças biológicas entre os sexos, ao longo da história nas diversas sociedades.

O gênero faz parte da identidade pessoal, assim como o sexo, a cor da pele, a classe social e as demais circunstâncias sociais e culturais. Por outro lado, a atribuição de gênero não

se restringe apenas aos comportamentos dos sujeitos, mas se projeta também nas práticas e instituições sociais, que podem ser qualificadas de masculinas ou femininas, conforme os valores que expressam.

Diferença de sexo e desigualdade de gênero, homens e mulheres, têm corpos diferentes, mas as qualidades, habilidades, gostos pessoais, o temperamento e o caráter variam enormemente entre os indivíduos e não são determinados pelo sexo biológico.

Este é um problema que começa quando se assinalam, rígida e exclusivamente, certas qualidades ao sexo feminino e outras ao masculino. Isso traz duas consequências nefastas: as mulheres são consideradas incapazes só por serem mulheres, sendo tolhidas na sua ação e impedidas de desenvolverem; e os homens são desencorajados ou mesmo impedidos de manifestarem qualidades femininas com a sensibilidade e a delicadeza.

O feminino e o masculino se definem um em relação ao outro, como dicotomias ou polos opostos e excludentes. As relações de gênero se baseiam em representações sociais e culturais, ou seja, nas ideias sobre o que deve ser como deve se comportar, pensar, sentir – um homem e uma mulher. Assim a ideia sobre a masculinidade e a feminilidade tem a criar estereótipos que ditam como todos os homens e mulheres devem ser:

Os homens são fortes e ativos, as mulheres frágeis e passivas; conseqüentemente, a força seria masculina e fraqueza feminina.

Os homens são racionais e objetivos, as mulheres emotivas e sensíveis; portanto a racionalidade é considerada qualidade masculina, enquanto a emotividade é feminina.

Os homens são destemidos e empreendedores, as mulheres medrosas e fúteis: assim, a coragem é tida como valor essencialmente masculino e as mulheres são tidas como incapazes de tomar decisões e empreender ações relevantes.

Mulheres e homens que não se enquadram nesse molde cultural limitado não aceitos socialmente e muitas vezes são punidos.

A hierarquia de gênero tem significado dominação masculina, não apenas a opressão das mulheres, mas também o domínio de uma visão masculina de mundo e de vida. Temos vivido uma história de guerras, competição econômica, desenvolvimento de tecnologias predominantemente materiais e uma racionalidade desprovida de compaixão.

Diferenças entre homens e mulheres existem, mas não devem implicar desigualdade ou desvalorização das qualidades e contribuições femininas, como a maternidade e o cuidado das crianças, idosos, doentes e carentes.

A desigualdade de gênero é evidentemente uma questão de educação. Desde a infância, meninos e meninas são educados dentro de rígidos padrões de comportamento.

A equidade de sexo e gênero tanto é um princípio quanto uma condição para a construção da cidadania e da democracia. É também entendida como “*as necessárias atenções às diferenças para a real garantia de igualdade de direitos, oportunidade e acesso aos bens sociais em todos os campos*”. (MEC/SEF, 1998, p.322).

A proposta de equidade de sexo na educação requer que ofereçam oportunidades iguais a meninos e meninas para que se desenvolvam como seres humanos flexíveis, versáteis, completos e felizes.

Diante da desigualdade social, das diferenças individuais e do fato de meninos e meninas já chegarem à escola marcados pelas diferenças de gênero, a promoção da equidade requer mais do que a simples oferta de oportunidades iguais. É preciso evitar a discriminação negativa quanto praticar a discriminação positiva.

Discriminar negativamente é censurar e/ou punir meninos e meninas quando exibem comportamentos supostamente inadequados ao seu sexo discriminar positivamente é oferecer oportunidades especiais a meninos e meninas para que compensem suas supostas deficiências, ou seja, para que desenvolvam aquelas habilidades em relação às quais aparentemente não se manifestam aptidão ou preferência.

A proposta da equidade de gênero requer, em suma, expectativas idênticas para meninos e meninas, questionamento dos estereótipos, aceitação da flexibilidade dos padrões de comportamento e tolerância das diferenças entre indivíduos.

Os novos parâmetros curriculares nacionais colocam as relações de gênero como um dos blocos de conteúdos da orientação sexual, que é tema transversal. O documento do MEC<sup>1</sup> aponta várias e ricas possibilidades de abordagem e tratamento destes conteúdos no contexto das disciplinas e áreas de estudo do currículo, além de sugerir a crítica ao material didático quanto às mensagens preconceituosas e estereótipos ligados ao gênero. Também salienta a necessidade de trabalhar as relações de gênero nas diversas situações do convívio escolar.

Dos educadores e das educadoras espera-se um olhar e um ouvido atento no cotidiano escolar a fim de evitarem a discriminação negativa, o reforço dos estereótipos de gênero, o desrespeito às diferenças individuais e opções sexuais. Esperam-se intervenções positivas que interroguem ideias e sentimentos, convidando alunos e alunas a participarem da construção de um mundo em que as relações sociais sejam mais justas e mais felizes e em que homens e mulheres possam se desenvolver plenamente num mundo talvez mais feminino, no sentido de maior valorização da paz e de todas as formas de vida.

---

<sup>1</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto ciclos de Ensino Fundamental: Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

## 2.4. Implicações Pedagógicas Das Relações De Gênero No Cotidiano Escolar

No contexto das lutas sociais por uma escola pública de melhor qualidade não podemos excluir a problemática das relações de gênero, visando à construção de uma sociedade onde possamos desenvolver plenamente nossas potencialidades porque não existem qualidades exclusivamente masculinas ou femininas, existem tão somente qualidades humanas.

Relações de gênero são relações de poder estabelecidas social e culturalmente exercidas entre homens e mulheres transmitidas de geração em geração.

Compreendemos que a escola não pode ficar alheia e indiferente ao processo de transformação social. Ela, assim como a família e outras instituições sociais, é importante agência de socialização, sendo considerada como força poderosa de aperfeiçoamento da sociedade. Assim, aqueles que desejam modificar a sociedade, afirmam com frequência que a escola deve funcionar como um espaço privilegiado para transformação em relação à problemática específica de gênero.

Se entendermos que o gênero é uma construção sócio-antropológica é impossível continuar concebendo a escola alheia a essa problemática. Portanto, uma tarefa nova e desafiadora se inclui na reinvenção que a escola está a exigir. (GROSSI, 1992, p. 134).

Embora tradicionalmente a escola tenha sido utilizada para classificar, ordenar, distinguir, adaptar os indivíduos, bem como reproduzir as ideologias dominantes, compreendemos que a escola também pode valorizar a bagagem cultural que a criança já construiu anteriormente, não apenas transmitindo conhecimentos, mas também contribuindo na formação de mentalidades, produzindo identidades étnicas, de gênero e de classe através das relações de desigualdade. Esse compromisso vai se definindo a partir da vontade política de contribuirmos efetivamente para a construção de uma escola que, continuando a ser tempo-espaço de produção de conhecimento em que ensina e em que aprende e compreende, contudo, ensinar e aprender de forma diferente.

Nessa direção, os problemas de gênero na prática escolar tem sido o núcleo de inúmeras preocupações e requerem investimentos permanentes. Portanto, para que sejam desenvolvidas intervenções pedagógicas transformadoras é fundamental o investimento permanente na formação dos profissionais da educação, através de estudos e pesquisas que

contribuam para o fortalecimento de atitudes vigilantes e contínuas no sentido de desnaturalizar os preconceitos sociais de um modo geral e, especialmente os de gênero.

Os estudos continuam a revelar que embora as diferenças de gênero realmente existam em termos gerais, elas são produzidas inicialmente pelas experiências na infância, e reproduzidas através das experiências nas escolas. Necessita-se ainda muito trabalho das escolas e de todas as pessoas que podem influenciar nas habilidades das crianças e suas percepções de gênero. Enfim, as concepções de gênero na educação são questões que dizem respeito a todos, especialmente aos que trabalham com a educação.

## CAPÍTULO III

### 3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

#### 3.1. Caracterização Da Escola

A Escola Municipal Maria Pessoa Cavalcante, fundada em 24 de Janeiro de 1978 está localizada a Rua Antonio Lino Duarte, nº 120 no centro da cidade de Umbuzeiro do Estado da Paraíba.

A clientela atendida pela referida escola são moradores da sede e também vindos da zona rural do próprio município. A mesma oferece uma educação básica nos níveis Infantil, Fundamental, Educação Especial (oferecida em classes regulares) e EJA.

Atualmente os dados estatísticos possuem um quantitativo de 618 alunos distribuídos em três turnos, sendo: 47 na Educação Infantil; 275 do 1º ao 5º ano e 268 do 6º ao 9º ano e EJA. De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP em fase de ajustes finais/ Julho 2008) tem sua concepção pedagógica baseada nos quatro Pilares da Educação Nacional, que são: APRENDER A SER; APRENDER A CONHECER; SABER FAZER e CONVIVER JUNTOS. Seus princípios básicos são a disciplina, o compromisso social, a ética, a religião e a qualidade na capacidade dos profissionais que compõem o quadro de funcionários.

O espaço físico da escola (sede), não comportando toda a demanda, necessitou de dois anexos que estão localizados na Praça João Pessoa, também no centro da cidade. As tabelas abaixo trazem uma breve caracterização da escola sede e dos anexos.

**TABELA 1 – Descrição da Escola Sede**

<b>ESCOLA SEDE</b>	
<b>AMBIENTE</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Salas de Aula	05
Secretaria	01
Banheiros	03*
Biblioteca	01
Corredor	01
Área para Recreação	

\*Sendo um na Secretaria.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados fornecidos pela E.M.M.P.C.

**TABELA 2 – Funcionamento da Escola Sede**

<b>ESCOLA SEDE</b>	
<b>HORÁRIO</b>	<b>TURMA (S)</b>
07h00min às 11h00min	Uma turma do 5º ano
07h00min às 11h45min	Turmas do 6º ao 9º ano
12h30min às 17h30min	Turmas do 6º ao 9º ano
18h30min às 21h30min	Turmas de supletivo – 5ª a 8ª séries; Uma turma multiseriada de 4º e 5º ano; EJA

Fonte: Elaboração própria com base nos dados fornecidos pela E.M.M.P.C.

**TABELA 3 – Descrição do Anexo 1**

<b>ANEXO 1</b>	
<b>AMBIENTE</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Terraço	02
Quartos	02*
Salas	02*
Banheiros	03
Biblioteca	01
Corredor	01
Cozinha	01
Área para Recreação	01
Secretaria	01

\*Funcionam como sala de aula.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados fornecidos pela E.M.M.P.C.

**TABELA 4 – Funcionamento do Anexo 1**

<b>ANEXO 1</b>	
<b>HORÁRIO</b>	<b>TURMA (S)</b>
07h00min às 11h00min	Educação Infantil Turma do 1º ano
13h00min às 17h00min	Educação Infantil Turma do 1º ano

Fonte: Elaboração própria com base nos dados fornecidos pela E.M.M.P.C.

**TABELA 5 – Descrição do Anexo 2**

<b>ANEXO 2</b>	
<b>AMBIENTE</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Salas de Aula	05
Cantina	01
Banheiros	02
Mini Despensa	01
Corredor	01
Área para Recreação	-
Secretaria	01

Fonte: Elaboração própria com base nos dados fornecidos pela E.M.M.P.C.



**TABELA 6 – Funcionamento do Anexo 2**

<b>ANEXO 2</b>	
<b>HORÁRIO</b>	<b>TURMA (S)</b>
07h00min às 11h00min	Turmas do 2º ao 5º ano
13h00min às 17h00min	Turmas do 2º ao 5º ano

Fonte: Elaboração própria com base nos dados fornecidos pela E.M.M.P.C.

No que se refere aos recursos humanos o quadro funcional que atende a todos os turnos é formado por uma gestora, Maria do Socorro da Silva, e uma diretora adjunta, Maria Dolores da Rocha Duarte, ambas cursando especialização em fase final na UEPB.

A equipe de apoio possui em seu quadro geral 71 funcionários sendo distribuídos da seguinte forma:

**TABELA 7 – Equipe de Apoio da Escola**

<b>ANEXO 2</b>	
<b>FUNCIONÁRIO</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Auxiliar de Serviços Gerais	13
Agente Administrativo	08
Secretário (a)	02
Orientadora (a) Pedagógico (a)	03
Docente	42
Porteiro (a)	03

Fonte: Elaboração própria com base nos dados fornecidos pela E.M.M.P.C.

Do quantitativo dos docentes apenas cinco não possuem graduação, os demais são graduados e especialistas, poucos ainda estão cursando a graduação.

Com a intenção de perceber o perfil dos participantes da Escola Maria Pessoa Cavalcanti do Ensino Fundamental I, foi formulado um quadro que apresenta os seguintes dados que os caracterizam.

**QUADRO 1 – Perfil dos Participantes da Pesquisa**

	<b>Sexo</b>	<b>Naturalidade</b>	<b>Nível de Formação</b>	<b>Tempo de Magistério</b>	<b>Série que Atualmente Leciona</b>
<b>P1</b>	F	Umbuzeiro – PB	Lic em Pedagogia	09 anos	3ª Série (4º ano)
<b>P2</b>	F	Umbuzeiro – PB	Lic em Pedagogia	04 anos	1ª Série (2º ano)
<b>P3</b>	F	Umbuzeiro – PB	Lic em Pedagogia	20 anos	2ª Série (3º ano)

<b>P4</b>	F	Umbuzeiro – PB	Lic em Pedagogia	04 anos	1ª Série (2º ano)
<b>P5</b>	F	Surubim – PE	Lic em Pedagogia	24 anos	2ª Série (3º ano)
<b>P6</b>	F	Umbuzeiro – PB	Lic em Pedagogia	20 anos	4ª Série (5º ano)
<b>P7</b>	F	Diadema – SP	Lic em Pedagogia	03 anos	2ª Série (3º ano)
<b>P8</b>	F	Umbuzeiro – PB	Lic em Pedagogia	04 anos	ALFA (1º ano)
<b>P9</b>	F	Umbuzeiro – PB	Magistério	09 anos	3ª Série (4º ano)
<b>P10</b>	F	Umbuzeiro-PB	Magistério	10 anos	1ª Série (2º ano)

Fonte: Elaboração própria com base nos dados fornecidos pela E.M.M.P.C.

### 3.2. Como Os Docentes Concebem A Avaliação

A fim de compreender suas opiniões utilizei o recurso mais comum e habitual em um trabalho de pesquisa, o questionário, sendo de fácil e simples compreensão evitando assim transtornos para as educadoras no seu tempo disponível e limitado na sala de aula.

Os dados coletados nesta pesquisa percorreram ao longo dos instrumentos e critérios utilizados pelo professor na sua prática avaliativa, sua visão, comportamento e entendimento entre alunos e alunas. Será adotado o código “P” para designar as professoras, e os algarismos de 1 a 10, uma vez que foram dez entrevistadas para diferenciá-las no tocante as falas apresentadas.

Ao expressar suas opiniões assim se colocaram:

*P1 > “A avaliação escolar contínua sendo uma das maiores preocupações do educador, já que a mesma é a principal ponte para a verificação dos objetivos almejados. Sabemos que avaliar é uma tarefa complexa que exige muita reflexão, por isso, devemos mergulhar no*

*contexto que nosso aluno está inserido buscando conhecê-lo para a partir daí redirecionar nossas ações e melhorar assim o processo ensino-aprendizagem”.*

*P2 > “A avaliação deve ser realizada de forma qualitativa e formativa, levando em consideração o conhecimento prévio do aluno e o meio social do qual faz parte”.*

*P3 > “A avaliação é um ato contínuo e progressivo”.*

*P4 > “A avaliação escolar deve ser um instrumento positivo no processo de ensino-aprendizagem, ajudando a sanar os problemas e as dificuldades não sendo motivo de repressão e exclusão”.*

*P5 > “A avaliação acontece naturalmente, pois é avaliando que podemos obter resultados e valores. Sabemos que a avaliação escolar atualmente está deixando muito a desejar”.*

*P6 > “A avaliação escolar deve ser contínua e sistemática, analisando todas as atividades desenvolvidas no decorrer das aulas”.*

*P7 > “Minha melhor maneira de avaliar é através das necessidades encontradas no dia-a-dia na sala de aula”.*

*P8 > “Na verdade a avaliação escolar em capacitações que participei foi mostrada de forma bem moderna, porém nem sempre é praticada, ainda vemos aquela avaliação que se diz que o aluno passou de uma série pra outra através de um simples exercício, que para ficar ainda pior, colocamos lá no alto da folha “avaliação de...”, eu defendo a avaliação diária e contínua, onde avaliamos o comportamento, a aprendizagem, a interação nas aulas e podemos descobrir muito sobre o aluno ou aluna”.*

*P9 > “Em minha opinião a avaliação escolar que temos com testes semanais e semestrais não avalia de forma adequada o aluno, acho que deveria ser mais rigorosa considerando o esforço individual, a cooperação nos trabalhos em grupo de cada aluno para melhor aprimoramento de sua aprendizagem”.*

*P10 > “A avaliação escolar é um instrumento riquíssimo e de suma importância para podermos diagnosticar continuamente a aprendizagem dos discentes”.*

Em uma visão geral, os conceitos relatados pelas colegas educadoras, podemos compreender que na visão do grupo o compromisso com a aprendizagem está entre as suas preocupações. No caso da escola pesquisada a avaliação tem um caráter classificatório com atribuição de notas para permitir ao aluno o avanço ou a retenção a cada ano letivo como algumas ressaltaram em suas colocações

### 3.3. O Que Falam Os Resultados Finais Da Avaliação Escolar

Essa pesquisa requer uma abordagem qualitativa adequada a esse tipo de estudo. De acordo com a análise documental foram elaborados quadros com o índice de reprovação do ano letivo de 2007 da Escola Municipal Maria Pessoa Cavalcanti, no que se refere ao Ensino Fundamental I de 1ª a 4ª séries, são eles:

**QUADRO 2 – Resultado Final das Séries Iniciais – Turno: Manhã.**

	Mat. Inicial	Meninos		Meninas		Transf.		Desist.		Total Final de Alunos
		A	R	A	R	M	F	M	F	
1ª	17	09	-	08	-	01	-	-	-	16
2ª	13	07	-	04	02	-	-	02	-	11
3ª	27	10	04	11	01	-	-	01	-	26
4ª	24	06	-	11	04	02	01	-	-	21

Fonte: Elaboração própria com base nos dados fornecidos pela E.M.M.P.C.

**QUADRO 3 – Resultado Final das Séries Iniciais – Turno: Tarde.**

	Mat. Inicial	Meninos		Meninas		Transf.		Desist.		Total Final de Alunos
		A	R	A	R	M	F	M	F	
1ª	20	11	01	06	-	01	-	-	01	18
2ª	24	06	03	02	02	02	02	03	04	13
3ª	22	07	07	04	01	-	01	01	01	19
4ª	15	04	-	05	-	01	01	02	02	09

Fonte: Elaboração própria com base nos dados fornecidos pela E.M.M.P.C.

**QUADRO 4 – Resultado Final das Séries Iniciais – Turno: Noite.**

	Mat. Inicial	Meninos		Meninas		Transf.		Desist.		Total Final de Alunos
		A	R	A	R	M	F	M	F	
1ª	01	-	-	-	-	-	-	-	01	-
2ª	09	02	-	-	-	-	-	07	-	02
3ª	10	01	01	02	-	-	-	03	03	04
4ª	23	04	01	03	-	-	-	13	02	08

Fonte: Elaboração própria com base nos dados fornecidos pela E.M.M.P.C.

De acordo com a análise documental, percebe-se que apenas no turno da manhã há divergências entre o que foi dito pelas professoras e os resultados encontrados, pois o maior

índice de reprovação é percebido nas meninas, indo de encontro à ideia de que os meninos são mais desinteressados e apresentam rendimento escolar inferior ao das meninas.

Já nos quadros 3 e 4, observa-se que o mesmo índice foi maior para os meninos, o que vai ao encontro do que foi informado pelas professoras.

A análise feita desses dados nos permite observar que, apesar de haver uma contradição das falas das professoras no que se refere aos resultados obtidos na avaliação, o resultado do processo avaliativo é quase sempre inferior em relação aos alunos. Do ponto de vista das relações de gênero, são várias as dimensões da vida escolar e da infância que se articulam na produção desse quadro de maiores índices de “fracasso” escolar entre pessoas do sexo masculino: as relações de crianças ou jovens entre si, permeadas por diferenças e desigualdades de gênero; as interações entre professores, professoras, alunos e alunas, marcadas pela presença majoritária de mulheres no magistério; as expectativas e formas de educação diferenciadas estabelecidas pelas; e, finalmente, mas não menos importante, as opiniões dos professores e professoras sobre as relações de gênero em geral e seus critérios de avaliação de alunos e alunas.

A complexidade deste debate tem indicado que várias dimensões podem interferir no mesmo, sendo necessário considerar tanto as condições socioeconômicas e culturais de origem da criança, quanto às condições de funcionamento das escolas, o preparo dos professores e os critérios de avaliação.

### **3.4. A Percepção Dos Comportamentos E Da Avaliação Por Gênero**

Podemos observar que os resultados explicitados pelas educadoras, mediante o comportamento das crianças, classificaram os meninos como os mais trabalhosos: eles são mais “desatentos”, “desinteressados”, “agressivos”, dificultando de tal modo a sua própria aprendizagem e o processo de avaliação. Vale salientar uma exceção quando uma das professoras se posicionou dizendo que em sua turma os meninos são mais centrados do que as meninas. Neste caso deu-se ênfase ao gênero masculino, como o de maior interesse da classe em seu aprendizado.

Como já foi relatado que a questão do comportamento interfere na avaliação, percebe-se que a escola tem a sua parcela ativa neste contexto, como também a família, faz-se necessário que toda essa sociedade se mobilize para juntos criar condições favoráveis aos

alunos e alunas reeducando-os e rebuscando valores para suprir esse desinteresse, no que se refere à aprendizagem.

Vale salientar, que de acordo com o quadro demonstrativo no que se refere ao turno da manhã as educadoras se contradizem em suas colocações generalizadas, não se sabe se as mesmas se referem realmente ao comportamento influenciando ou não na avaliação.

## CAPÍTULO IV

### 4. CONCLUSÃO

A partir dos objetivos propostos neste estudo para compreender como se dá o processo de avaliação e aprendizagem, direcionado especificamente para gênero, bem como as dificuldades encontradas nesta prática, na Escola Maria Pessoa Cavalcanti, Umbuzeiro-PB, através dos resultados é possível expor algumas inquietações das professoras que participaram desta pesquisa em relação às dificuldades encontradas no ato avaliativo de alunos e alunas desinteressados com a avaliação e com a aprendizagem.

Rotineiramente, a avaliação é vista pelo aluno como uma ação unilateral para promoção, e não como parte integrante do processo de ensino – aprendizagem e, para muitos professores, é mais um ritual exigido pela escola. Essas concepções fazem com que a avaliação seja vista por aqueles como um castigo e, muitas vezes, por estes como um meio de demonstrar sua autoridade, punindo o aluno pelos erros que muitas vezes ele próprio provocou.

A prática avaliativa, que ocorre na maioria das instituições, enfatiza mais os aspectos quantitativos. Avaliar qualitativamente significa valer-se, não apenas de dados quantificáveis, mas utilizar estes dados dentro de um quadro mais amplo, no qual o envolvimento e comprometimento do professor são fundamentais. Dessa forma, o professor deixa de ser um coletor de dados quantificáveis para se tornar um investigador da aprendizagem do aluno, da forma pela qual estão aprendendo e do que fazer para melhorá-la.

No processo educativo, vemos que a avaliação pode ser um poderoso instrumento de mudança colocando-se a serviço da aprendizagem e do mais pleno desenvolvimento do ser humano. Desta forma, o professor e a professora ao colocarem em prática o que foi ensinado na sua formação sentem-se satisfeitos com seu trabalho se propondo a tentar fazer diferente quando for necessário para gerar novas possibilidades de aprendizagem.

Os dados obtidos nesta pesquisa revelam que é possível proporcionar estímulos em uma perspectiva de melhoria dos comportamentos e atitudes nas próprias professoras, analisando suas práticas avaliativas para estimular alunos e alunas no que diz respeito a sua aprendizagem.

Diante do exposto ao longo do trabalho, torna-se evidente que para que a avaliação seja vista como um processo qualitativo e com função diagnóstica e transformadora da

realidade escolar, faz-se necessário rever as concepções de ensino aprendizagem, de educação e de escola, apoiando essa revisão em princípios e valores comprometidos com a formação de aluno cidadão, permitindo-o crescer, de modo que avaliar seja um processo de autoconhecimento e, também, de conhecimento da realidade e da relação dos sujeitos com a mesma.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Ana Maria Coutinho. **Implicações Pedagógicas das Relações de Gênero no Cotidiano Escolar**. Centro de Educação – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária, 2000.

CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB Fácil: Leitura Crítico Compreensiva** artigo a artigo. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Introdução a Questão das Relações de Gênero na Educação**. Centro de Educação – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária, 2000.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1988.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para Promover: as Setas do Caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: Estudos e Proposições**. São Paulo: Cortez, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **PCN**, vol. 2. Introdução; ensino de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> Série, I título.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: Da Excelência à Regulação das Aprendizagens entre Duas Lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

VASCONCELLOS, Celso. **Avaliação da Aprendizagem: Práticas de Mudança por uma Práxis Transformadora**. São Paulo: Libertad, 2005.

## ANEXOS

### ANEXO 1 – Questionário utilizado na pesquisa

1 – Atualmente qual a sua concepção no que se refere à Avaliação Escolar?

2 – Como você classifica o comportamento dos meninos e meninas em sua sala de aula?

3 – O comportamento diferenciado de meninos e meninas interfere no resultado da avaliação?

Sim

Não

Como?